



## CAPÍTULO 1

O velho duro e mal-humorado preparava-se para causar a maior das confusões e só lamentava não poder estar por perto para assistir.

Estava prestes a tirar o tapete debaixo dos pés dos seus inúteis parentes e, oh, que pena, eles iam mesmo cair. Mas já era mais do que tempo que alguém naquela miserável família remediasse um terrível erro.

Enquanto esperava que se instalasse o equipamento, arrumou a secretária. Os dedos nodosos acariciaram a madeira lisa com a mesma ternura e carinho que, outrora, proporcionava às amantes. A secretária estava tão velha, marcada e gasta quanto ele. Fora nesta mesma sala que fizera fortuna. Com o auscultador do telefone colado ao ouvido fechara negócios lucrativos uns atrás dos outros. Quantas empresas comprara nos últimos trinta anos? Quantas outras destruíra?

Parou de sonhar com as suas inúmeras vitórias. Este não era o momento apropriado. Atravessou a sala na direcção do bar e serviu-se de um copo de água do jarro de cristal que um dos seus sócios lhe tinha oferecido há uns anos. Bebeu um gole, levou o copo para a secretária e pousou-o numa base junto à beira. Passeou os olhos pelas paredes revestidas a painéis de madeira e concluiu que o local estava demasiado escuro para a filmagem, pelo que se apressou a acender todas as luzes da secretária.

– Tudo a postos? – perguntou num tom impaciente. – Puxou a cadeira, sentou-se, alisou o cabelo e ajeitou o casaco, para que a gola não ficasse subida. Alargou a gravata, como se pudesse aliviar o nó que sentia na garganta. – Agora, vou organizar os meus pensamentos – prosseguiu com a voz áspera de quem passou anos a gritar ordens e a fumar os seus adorados havanos puros.

Naquele momento, apetecia-lhe um charuto, mas não havia nenhum na casa. Deixara de fumar há dez anos, mas, de vez em quando, sempre que estava nervoso, ainda sentia a falta.

Naquele momento, não só estava nervoso como também um pouco amedrontado, o que para ele constituía uma sensação estranha, quase desconhecida. Ansiava por fazer o que devia antes de morrer, o que aconteceria em breve, muito em breve. Era o mínimo que podia fazer pelo nome MacKenna.

A antiga câmara de vídeo com uma cassete VHS estava colocada num tripé diante do velho. A máquina digital encontrava-se atrás da câmara de vídeo e também voltada para ele.

– Sei que a digital bastaria – declarou, olhando para lá das câmaras –, e provavelmente é verdade, mas ainda gosto das cassetes de vídeo. Não confio muito nesses discos e, portanto, a cassete será a minha cópia de segurança. Quando tudo estiver ligado começarei.

Pegou no copo, bebeu um gole e pousou-o. Tinha a boca seca devido aos comprimidos que aqueles irritantes médicos o obrigavam a tomar.

Uns segundos depois, tudo ficou pronto e ele começou.

– Chamo-me Compton Thomas MacKenna. Estes não serão a minha última vontade e testamento, porque já tratei de tudo isso. Há algum tempo que modifiquei o meu testamento. O original encontra-se na minha caixa-forte: existe uma cópia na firma de advogados que se ocupa dos meus negócios e uma outra que, garanto, erguerá a sua horrível cabeça se, por alguma razão, o documento original e a cópia em poder do advogado forem roubados ou destruídos.

«Não vos falei do novo testamento nem das mudanças que efectuei, porque não queria passar os meus últimos meses de vida a ser importunado, mas agora que os médicos me asseguraram que o fim está próximo e não há mais nada que possam fazer, quero... não, preciso – corrigiu – de explicar porque fiz o que fiz... Embora duvide que algum de vocês vá compreender ou importar-se.

«Começarei a minha explicação com uma breve história da família MacKenna. Os meus pais nasceram, foram criados e enterrados nas Highlands da Escócia. O meu pai possuía bastantes terras... bastantes – repetiu. – Fez uma pausa para aclarar a garganta e bebeu um gole de água antes de continuar. – Quando ele morreu, as terras foram divididas em partes iguais entre o meu irmão mais velho, Robert Duncan II, e eu. Robert e eu viajámos para os EUA para completar a nossa educação e ambos decidimos ficar. Anos mais tarde, Robert vendeu-me a sua parte das terras. Este dinheiro converteu-o num homem muito rico e passei a ser o único herdeiro de uma propriedade chamada Glen MacKenna.

«Nunca casei. Não tive tempo, nem vontade. Robert casou com uma mulher de quem eu não gostava, mas, ao contrário do meu irmão, nunca proferi ameaças nem fiz cenas pelo facto de ele ter escolhido alguém que não me agradava. Ela chamava-se Caroline... uma alpinista. Casou obviamente com Robert por causa do dinheiro dele. Nunca o amou. De qualquer maneira, cumpriu a sua obrigação matrimonial e deu-lhe dois filhos, Robert Duncan III e Conal Thomas.

«E chegamos agora ao âmago desta lição de história. Quando o meu sobrinho Conal decidiu casar com uma mulher sem posição social, o pai deserdou-o. Robert escolhera outra, uma mulher de uma família influente, e sentiu-se ultrajado por terem ignorado a sua vontade. A mulher de Conal, Leah, não passava de uma pobretanas, mas ele não parecia preocupado com o dinheiro que perderia. Tudo o que restava a Robert – acrescentou com um suspiro desdenhoso – era o seu primogénito, um homem sem personalidade, que fazia tudo o que lhe mandavam.

«Ao longo dos anos, perdi contacto com Conal – prosseguiu. – Andava muito ocupado – continuou em jeito de desculpa. – Apenas sabia que ele se mudara para Silver Springs, próximo de Charleston. Mas depois recebi a notícia de que ele tinha morrido num acidente de automóvel. Sabia que o meu irmão não iria ao enterro... mas eu fui. Não apenas por um sentido de obrigação, confesso. Na verdade, acho que estava curioso por saber como Conal se saíra. Não me identifiquei perante Leah ou qualquer dos presentes. Mantive-me à distância. A igreja estava repleta. Fui inclusivamente ao cemitério e vi Leah com as suas três filhas, sendo a mais nova ainda bebé.

MacKenna fez uma pausa, como se imaginasse a cena. Sem desejar que qualquer tipo de emoção transparecesse nos olhos embaciados, desviou-os por um instante da câmara. Ajeitou-se na cadeira e retomou a palavra:

– Vi o que pretendia. A linhagem MacKenna continuaria através dos filhos de Conal... embora fosse uma pena não haver nenhum rapaz. Quanto ao outro filho do meu irmão, Robert III, ele mimou-o em demasia... ensinou-o a ser um inútil. Não permitiu que tivesse ambições e, como resultado, o meu irmão viveu o bastante para ver o primogénito morrer jovem por causa da bebida.

«O pecado do excesso transmitiu-se à geração seguinte. Tenho observado os netos de Robert a esbanjarem a herança, e, pior ainda, a desonrarem o nome MacKenna. Bryce, o mais velho, segue as pisadas do pai. Casou com uma boa mulher, Vanessa, mas ela não conseguiu salvá-lo do vício. É um alcoólico. Vendeu todas as acções e recebeu o dinheiro, gastando até ao último cêntimo. Gastou muito em bebida e mulheres e só Deus sabe o que fez com o resto.

«E há também Roger, que tem sido o mais ardiloso: às vezes desaparecia durante semanas, mas as minhas fontes de informação não demoraram muito a localizá-lo e a descobrir no que estava metido. Parece que se diverte com o jogo. Segundo os relatórios que recebi, só no ano passado perdeu mais de quatrocentos mil dólares. Quatrocentos mil – assinalou o velho, abanando a cabeça e continuando a falar, como se as palavras tivessem um gosto amargo. – Pior ainda, tem negociado com *gangsters* como Johnny Jackman. Só de ter o apelido MacKenna ligado a um criminoso como Jackman dá-me volta ao estômago.

«Ewan, o mais novo, não pode ou não consegue controlar o seu mau génio. Se não fosse a inteligência dos seus advogados muitíssimo bem pagos, já estaria, sem dúvida, na prisão. Há dois anos, quase matou um homem à pancada. Sinto-me muito desiludido com todos eles. São homens inúteis, que em nada contribuíram para este mundo – disse ainda o velho, tirando um lenço do bolso e limpando a testa.

«Quando aqueles médicos incapazes me anunciaram que só me restavam mais alguns meses de vida, resolvi fazer um balanço. – Virou-se e abriu uma gaveta, de onde tirou um grosso dossiê negro, que abriu em cima da secretária, pondo-lhe as mãos em cima. – Contratei um detective para fazer uma série de investigações. Queria saber como se tinham saído as filhas de Conal. Devo confessar que acalentava poucas expectativas. Supus que, depois da morte de Conal, Leah e as filhas estivessem a passar dificuldades. Pensava também que nenhuma delas tivesse

conseguido ir além do ensino secundário... se tanto. Errei nas minhas especulações. Depois do acidente de Conal, a seguradora pagou o suficiente para que Leah pudesse ficar a morar na casa com as filhas. Ela arranhou emprego como secretária numa escola particular feminina. O ordenado era baixo... não me parece que Leah fosse capaz de ganhar mais... só que o emprego oferecia um benefício fantástico. As suas três filhas puderam estudar gratuitamente numa instituição particular. Conal ensinara obviamente à mulher o valor de uma boa formação – declarou com um aceno de cabeça aprovador.

MacKenna examinou o relatório do dossiê.

– Parece que as três trabalham no duro. Nenhuma delas é preguiçosa – acrescentou com ênfase. – A mais velha, Kiera, recebeu uma bolsa para frequentar uma boa Universidade e formou-se com distinção. Recebeu outra bolsa para estudar Medicina e está a sair-se muito bem. A do meio, Kate, é a empreendedora da família. Também ela obteve uma bolsa para uma das melhores Universidades do Leste, onde também se formou com mérito. Quando ainda estava a estudar fundou uma empresa, que actualmente está a crescer, e tudo indica que será bem-sucedida. – Voltou a olhar para a câmara. – Creio que se parece muito comigo.

«Não há dúvida de que Isabel, a mais jovem, também é inteligente, mas o seu verdadeiro talento reside na voz. Parece ser realmente dotada. – Tamborilou com o indicador sobre o dossiê. – Isabel planeia estudar Música e História na Universidade e quer ir, um dia, à Escócia para conhecer os seus parentes distantes, o que me deixa muito feliz – rematou com um aceno de cabeça na direcção da câmara.

«E, agora, vamos às mudanças no testamento. – As comissuras dos lábios ergueram-se ligeiramente num arremedo de sorriso, que se desvaneceu quando retomou a palavra. – Bryce, Roger e Ewan receberão cada um, imediatamente, cem mil dólares em dinheiro. Espero que os invistam na reabilitação, mas duvido. Vanessa também receberá cem mil e ficará com esta casa. Merece pelo menos isto por ter aguentado Bryce durante todos estes anos. Graças à sua actividade em diversas organizações de beneficência, trouxe respeito ao nome dos MacKenna. Não vejo, assim, motivo para castigá-la por ter escolhido o marido errado.

«Quanto aos outros MacKenna, deixo todas as minhas acções do Tesouro a Kiera. As datas de vencimento estão especificadas no testamento. Isabel, uma grande amante da história, como eu, receberá Glen MacKenna. Tal inclui, obviamente, uma série de condições de que será informada a devido tempo. Não receberão nada mais de mim, mas acho que fui mais que generoso.

Começou a respirar com dificuldade e fez uma pausa para beber um gole de água, esvaziando o copo, antes de iniciar a última parte da declaração.

– Finalmente, a totalidade dos meus bens está avaliada em oitenta milhões de dólares, que foram acumulados ao longo de uma vida de trabalho e passarão para os meus parentes consanguíneos. Mas diabos me levem se entregar de mão beijada o meu dinheiro aos meus depravados sobrinhos, pelo que será todo para Kate MacKenna. Ela é a mais ambiciosa e exigente

e, tal como eu, conhece o valor do dinheiro. Se aceitar, este legado será todo dela. Acredito que não o esbanjará.

## CAPÍTULO 2

O *Wonderbra* de Kate MacKenna salvou-lhe a vida.

Cinco minutos depois de o colocar, sentiu vontade de tirá-lo. Nunca devia ter deixado que a sua irmã Kiera a convencesse a usá-lo. É verdade que a tornava voluptuosa e *sexy*, mas era essa a imagem que queria passar naquela noite? Ela era uma executiva, Deus do céu, não uma estrela de filmes pornográficos. Além de que os seus atributos físicos eram suficientes, sem que precisasse de realçá-los.

E porque é que Kiera estaria tão interessada em torná-la «irresistível» – como lhe dissera de uma forma bastante eloquente? A vida social de Kate seria assim tão insípida? Pelos vistos, era o que as irmãs pensavam.

Das três irmãs, Kiera era a mais velha e a mais mandona. Tinha jurado que conseguiria que Kate usasse um minúsculo e justíssimo vestido preto de noite, ou morreria a tentar convencê-la. Isabel, a mais nova, apoiara-a como era seu hábito, e Kate concordara, finalmente, em pôr o vestido só para que deixassem de atormentá-la. Quando as duas se uniam contra ela, tornavam-se uma força a ter em conta – uma força contundente e inexorável.

Kate parou diante do espelho do *hall* de entrada, ajeitando o sutiã para que ele não se lhe enterrasse nas costelas, mas os seus esforços foram inúteis. Olhou para o relógio e concluiu que se se apressasse, ainda podia mudar de roupa, mas quando se virou, a fim de regressar ao quarto, avistou Kiera, que descia as escadas.

– Estás fantástica – elogiou Kiera, após mirar a irmã da cabeça aos pés.

– E tu pareces cansada – retorquiou Kate, assinalando o óbvio.

Kiera denotava olheiras profundas. Acabara de sair do duche e o cabelo louro, ainda molhado, pingava sobre os ombros. Kate achou que ela nem sequer se dera ao trabalho de secá-lo com uma toalha. A irmã não pusera um grama de maquilhagem, mas, mesmo assim, era linda. Herdara a beleza natural da mãe.

– Como estudante de Medicina, devo, supostamente, ter um ar cansado. É uma exigência da profissão. Se parecer relaxada, perco toda a credibilidade.

Apesar de estarem sempre a espicaçá-la, Kate sentia-se feliz por ter as irmãs por perto, ainda que fosse por algumas semanas. Depois da morte da mãe, haviam passado muito pouco

tempo juntas. Kate regressara a Boston para terminar a licenciatura e Kiera à Faculdade de Medicina de Duke, enquanto Isabel ficara em casa com a tia Nora.

Agora, Kate ficaria em casa, mas Kiera, dali a duas semanas, regressaria novamente a Duke e Isabel começaria o primeiro ano de Faculdade. Kate considerava as mudanças inevitáveis. A vida devia seguir o seu rumo.

– Enquanto estás em casa, devias tirar um dia e ir até à praia... descontrair um pouco. Podias levar a Isabel – sugeriu Kate.

– Boa tentativa – riu Kiera. – Mas não vais conseguir pô-la às minhas costas por um dia que seja. Passaria todo o tempo a espantar os rapazes que a abordassem. Não, obrigada. Já chega aqui em casa com todos esses telefonemas. Há sobretudo um tal Reece. Age como se fosse o namorado de Isabel. Ela disse-me que participaram em alguns concertos e saíram umas vezes, mas não tiveram nada de sério. Deixou de vê-lo quando ele quis que se tornassem mais do que amigos. Agora, ele não pára de ligar, querendo falar com ela, e como Isabel recusa atendê-lo, mostra-se cada vez mais hostil. Adoro a Isabel, mas acho que, por vezes, ela gosta de complicar as coisas. Portanto, agradeço-te a sugestão da praia, mas não, obrigada.

Kate ajeitou o sutiã uma vez mais.

– Oh, estás fantástica! – exclamou Kiera.

– Esta coisa mata-me. Não consigo respirar.

– Estás linda e isso não é, afinal, muito mais importante do que respirar? – provocou-a. – Aguenta. É por uma boa causa.

– Que boa causa?

– Tu. Tens sido a minha causa nos últimos dias. E a da Isabel, também. Estamos decididas a animar-te. És demasiado séria e isso não te faz bem. Pessoalmente, acho que sofres da síndrome da filha do meio. Estás cheia de inseguranças e fobias e tens essa necessidade de te afirmares constantemente.

Kate preferiu ignorá-la. Pousou a pequena bolsa em cima da mesa e dirigiu-se ao roupeiro.

– Pareces uma velha – prosseguiu Kiera.

– Ótimo.

– Não estás a ouvir-me, pois não?

Kate livrou-se de ter de responder, porque o telefone tocou. Enquanto a irmã se precipitava para o escritório a fim de atender, abriu a porta do roupeiro e procurou a gabardina. Da televisão, ligada na cozinha, chegava-lhe a voz obscenamente alegre do meteorologista, avisando os telespectadores de que Charleston estava sob uma onda de calor como não se via há trinta anos. Se a temperatura permanecesse acima dos trinta e cinco graus durante mais dois dias, seria batido um novo recorde. Esta possibilidade enchia a voz do homem de emoção.

De qualquer maneira, a humidade era mortífera. A atmosfera apresentava-se pesada, estagnada, espessa como cola. O vapor que subia em espiral das ruas misturava-se à poluição que

descia, qual espectro brumoso, sobre a cidade sufocante. Uma forte rajada de vento ajudaria a limpar o céu, mas não havia previsão de vento ou chuva para os próximos dias. Respirar profundamente exigia concentração. O ar abafado roubava a energia tanto dos jovens como dos idosos, deixando todos num estado de letargia. Espantar um mosquito requeria mais esforço do que a maioria das pessoas estava disposta a despendê-lo.

Contudo, apesar do terrível calor, a festa a que Kate prometera comparecer aconteceria no jardim de uma galeria de arte privada. O evento fora planeado com várias semanas de antecedência e a tenda branca fora armada, antes que o tempo se tornasse tão opressivo. Apenas uma ala da galeria construída recentemente estava completa e Kate sabia que não tinha o tamanho suficiente para acolher o elevado número de convidados.

Não havia saída possível. O dono da galeria, Carl Bertolli, era amigo de Kate e ela sabia que iria magoá-lo se não comparecesse. Por causa do trânsito, o percurso de Silver Springs, onde morava, até ao outro lado de Charleston levaria mais de uma hora, mas ela não tencionava ficar muito tempo. Ajudaria nos preparativos de última hora e, em seguida, quando a festa estivesse no auge, sairia. Carl estaria demasiado ocupado para notar a sua ausência.

Uma artista controversa de Houston expunha os seus trabalhos e já causara protestos e telefonemas ameaçadores. Carl não cabia em si de satisfação. Acreditava que qualquer tipo de publicidade, boa ou má, seria benéfico para a galeria. A artista, uma mulher que se apelidara de Cinnamon, tinha um grande séquito de admiradores, embora Kate não entendesse o motivo, por muito que se esforçasse. Como artista, era, no mínimo, medíocre. Sabia, porém, chamar as atenções sobre si própria. Era notícia constante nos *media* e seria capaz de qualquer coisa para aparecer. De momento, mostrava-se contra qualquer tipo de instituição. Quando não estava a atirar tinta para as suas telas, tentava derrubar o Governo, mas sem grande entusiasmo. Cinnamon acreditava no amor livre, na liberdade de expressão e em caminhar sem restrições pela vida. Contudo, só era possível levar os seus quadros livremente para casa se se pagasse uma quantia exorbitante.

Kiera regressou ao *hall* e disse:

– Era outra vez o Reece. Ele começa a causar-me arrepios. – Calou-se ao olhar para Kate.  
– Esta noite não é suposto chover. Porque é que vestiste essa gabardina? Lá fora devem estar mais de quarenta graus.

– A precaução nunca é de mais. Não quero que o vestido apanhe água.

– Percebo – riu Kiera. – Não queres que a tia Nora te veja com esse vestido. Confessa, Kate. Tens medo dela.

– Não tenho medo dela. Só quero evitar um sermão.

– O teu vestido não é indecente.

– Mas ela vai achar que sim – retorquiu Kate, ao mesmo tempo que punha a gabardina por cima dos ombros.

– Vai ser estranho não a ter por perto a dar-nos ordens. Vou sentir a falta dela.

– Também eu – sussurrou Kate.

Nora ia mudar-se para St. Louis. Fora para Silver Springs quando a irmã tinha adoecido e ficara a tomar conta da casa até Isabel acabar o liceu. Agora que Kate voltara e Isabel ia para a Universidade, Nora queria regressar a casa. Tinha saudades da filha e dos netos.

Nora fora uma bênção dos céus e cuidara bem de todas elas, sobretudo quando mais precisaram. Contudo, era pouco flexível e, na opinião das irmãs, obcecada por sexo. Kiera chamava-lhe a «virgem renascida». Depois da morte da mãe, Nora nomeara-se a si própria guardiã moral das jovens. Segundo Nora, todos os homens «queriam o mesmo» e a sua obrigação era zelar para que não conseguissem isso das suas sobrinhas.

Kate deu uma espreitadela, investigando o terreno. Felizmente, Nora não estava na cozinha e, assim, Kate desligou a televisão, despiu a gabardina e pô-la sobre uma cadeira. Pegou nas chaves e dirigiu-se apressadamente à garagem. Se tivesse sorte, conseguiria sair antes que Nora regressasse. Não tinha medo da tia, mas quando ela estava nervosa, os seus discursos duravam uma eternidade. Alguns prolongavam-se por uma hora.

Kiera seguiu Kate até à cozinha.

– Tem cuidado hoje à noite – disse. – Vão estar presentes uma série de loucos que discordam das opiniões de Cinnamon sobre o Governo e a religião. Ela não é a favor da anarquia?

– Este mês acho que sim. Não presto atenção a tudo o que ela diz ou faz, mas não estou preocupada com esta noite. A segurança será apertada.

– Então é Carl que estará preocupado.

– Não, é tudo encenação. Não me parece que Cinnamon acredite nos disparates que apregoa. Procura publicidade a todo o custo e nada mais.

– Os grupos que ela tem ofendido ignoram que é tudo encenação e alguns deles são bastante radicais.

– Deixa-te de preocupações. Não há perigo – tranquilizou-a Kate abrindo a porta e entrando na garagem. O calor deixou-a sem fala.

– Porque é que vais tão cedo? O convite dizia das oito à meia-noite.

– O assistente de Carl telefonou e deixou-me mensagem para que estivesse lá às seis.

Entrou no carro, que mais parecia um forno, e abriu a porta da garagem com o comando.

– Vai haver alguma cesta de presentes de Kate MacKenna? – gritou Kiera.

– Claro. Carl insistiu. Acho que me converti num dos seus projectos. Disse que quer poder afirmar que me conhecia antes de eu ser famosa – respondeu no mesmo tom. – Agora, fecha a porta. Estás a deixar sair todo o ar fresco.

– Estás a tornar-te um nome conhecido. Fantástico, não?

Kiera não esperava obviamente resposta, pois fechara a porta depois de fazer o comentário.

Sim, a vida *corria* bastante bem, agora. Kate teve muito tempo para pensar enquanto avançava a passo de tartaruga na auto-estrada devido ao trânsito. Embora ainda não fosse famosa, estava, sem dúvida, a caminho disso. Engraçado como um pequeno *hobby* podia acabar por transformar-se numa carreira lucrativa.

A sua empresa nascera enquanto ela estava ocupada a descobrir o que pretendia ser na vida. Frequentava o último ano do secundário e procurava mil formas de ganhar dinheiro e poder comprar presentes de aniversário para a família e os amigos. Também iniciara aulas de Química. Um dia, entrou no gabinete da professora e avistou uma vela acesa em cima da secretária. Kate sempre fora sensível a vários aromas e achou o odor almiscarado da vela bastante desagradável. Aquele cheiro horrível deu-lhe a ideia de fazer as suas próprias velas. Mas queria inventar algo único. Seria muito difícil?

Começou a usar a cozinha como laboratório. No final das férias de Inverno, produziu a sua primeira colecção de velas perfumadas. Foi um desastre. Tinha misturado várias especiarias e ervas aromáticas e deixara a cozinha a cheirar a cano de esgoto.

A mãe expulsou-a para a cave, mas ela não desistiu das suas experiências. Naquele Verão, aplicou cada minuto livre a trabalhar no projecto. Explorou bibliotecas e laboratórios e, no final do seu primeiro ano da Faculdade, conseguiu fabricar umas velas com um aroma maravilhoso a manjerição e toranja.

A intenção de Kate era oferecê-las, mas Jordan Buchanan, a sua companheira de quarto e melhor amiga, viu um grande potencial nas velas. Reuniu dez velas, pôs-lhes um preço e vendeu-as todas numa noite. Convenceu Kate a usar o seu nome completo em todos os produtos. E ajudou-a a desenhar um logótipo e algumas embalagens originais.

O aroma puro e refrescante, juntamente com as embalagens octogonais de vidro inventadas por Kate tornaram as velas irresistíveis e um sucesso imediato. Começaram a chover encomendas. Durante as férias de Verão, trabalhando com dois funcionários em *part-time*, Kate tentou fabricar e armazenar o maior número possível de velas, mas tanta actividade excedeu o tamanho da cave e ela mudou-se para um espaço alugado, do outro lado da cidade. Situava-se numa zona horrível e, por esse motivo, baratíssimo.

Quando se licenciou, os pedidos chegavam de todos os sítios do país. Ao perceber que não era muito dotada para a gestão, Kate resolveu voltar a Boston e fazer um MBA. Para manter a empresa em funcionamento durante a sua ausência, deu sociedade à mãe para que ela pudesse assinar cheques e fazer movimentos bancários. Como Kate investia tudo o que ganhava na empresa, o dinheiro era escasso. Morava com Jordan num apartamento em Boston e passava, frequentemente, os fins-de-semana com a enorme família da amiga em Nathan's Bay.

Apesar das dificuldades, Kate conseguiu que o seu negócio crescesse bastante durante a sua ausência. Depois, quando a mãe adoeceu, a ambição de Kate ficou em suspenso, a fim de poder

regressar a casa e estar com ela. Um longo e triste ano passara depois da morte da mãe, mas, durante esse tempo, Kate completara o MBA e fizera planos para ampliar o negócio.

Agora que regressara a Silver Springs, preparava-se para levar a empresa por diante. Diversificara a produção: loções corporais e três perfumes assinados com o nome de Leah, Kiera e Isabel, em honra da mãe e das irmãs. O espaço que alugara tornara-se demasiado pequeno, pelo que estava a negociar um novo contrato de aluguer com um armazém muito maior e mais próximo da sua casa. Também estava a pensar em contratar mais funcionários. A Anton's, uma importante cadeia de lojas, estava desejava de vender os seus produtos, e em breve assinaria um contrato exclusivo e extremamente lucrativo com eles.

E todos os problemas financeiros desapareceriam.

Sorriu ao pensar nisso. A primeira coisa que iria comprar quando tivesse algum dinheiro extra era um automóvel com um sistema de ar-condicionado realmente eficaz. Passava o tempo a ajustar as saídas de ventilação, sem resultado. O ar saía sempre morno.

Sentia-se desanimada quando chegou por fim à propriedade absurdamente pretensiosa de Carl. Este herdara Liongate do pai e estava a construir a sua galeria na propriedade. Os portões de ferro controlados electronicamente estavam adornados com duas imponentes cabeças de leão.

Um segurança verificou o seu nome na lista de convidados e deixou-a entrar. A casa de dois andares de Carl ficava no cimo de um caminho sinuoso, mas a galeria, que exporia os trabalhos de Cinnamon, situava-se no lado sul, a meio do percurso. Uma enorme tenda branca fora armada junto à estrutura de pedra branca.

Um outro segurança indicou-lhe onde estacionar. A julgar pelo número excessivo de seguranças e empregados, que corriam do anexo para a tenda branca e vice-versa, Carl devia esperar uma multidão.

Kate atravessou o relvado impecavelmente aparado, os saltos dos sapatos enterrando-se na terra húmida. Estava quase a chegar ao caminho de pedra quando o seu telemóvel tocou.

– Olá, Kate, querida. Onde estás? – soou a voz melodiosa de Carl.

– Aqui mesmo, no teu jardim.

– Que maravilha!

– E tu? – inquiriu ela, por sua vez.

– Diante do meu roupeiro, a tentar decidir-me entre o fato de linho branco e o *blaser* de riscas com calças bege. De qualquer maneira, acho que vou derreter, mas preciso de estar esplendoroso para todos esses críticos que estarão aqui esta noite, não é?

– Tenho a certeza de que estarás fantástico.

– Só queria que soubesses que vou demorar um pouco. Tenho de vestir-me rapidamente e depois ir buscar Cinnamon ao hotel. A limusina está à minha espera. Quero pedir-te um favor. Será que podes inspeccionar a tenda? Acho que não conseguirei chegar antes dos convidados e quero ter a certeza de que tudo estará perfeito. Com o teu gosto impecável, ficará às mil maravilhas.

– Conta comigo – respondeu Kate, sorrindo ante o tom dramático do amigo.

– És uma querida. Fico a dever-te uma – disse Carl, desligando.

Kate encontrou a porta da tenda e entrou. Os aparelhos de ar-condicionado funcionavam em pleno, mas com todas aquelas idas e vindas dos funcionários não serviam de muito. Num dos lados, havia grandes mesas, onde seria servido o bufete. Estavam decoradas com arranjos de flores coloridas em taças de cristal e talheres de prata. Mesas pequenas com toalhas de linho branco e cadeiras brancas desdobráveis estavam espalhadas pelo resto do espaço. Tudo parecia bem encaminhado.

Kate localizou as suas cestas de presentes numa mesa ao fundo. A toalha branca chegava ao chão e o seu logótipo fora colocado de forma a ficar bem visível. Apressou-se a colocar as cestas num semicírculo. Ao terminar, recuou um passo para admirar o efeito.

Deu a volta à mesa e estendeu a mão para uma cadeira, mas mudou de ideias. O *Wonderbra* estava a enlouquecê-la. Parecia um torniquete a apertar-lhe as costelas. Desesperada, tentava controlar-se para não arrancar o sutiã, enquanto se apressava a caminho da galeria de arte, a fim de encontrar uma casa de banho onde pudesse tirá-lo e deitá-lo para o caixote do lixo.

Infelizmente, tanto a casa de banho das senhoras como a dos homens estava a ser limpa. Kate teria ignorado os avisos e entrado, mas havia seguranças diante das portas e estava certa de que não a deixariam passar.

E agora? Kate olhou em volta, procurando uma sala vazia com uma porta que pudesse fechar. Não havia nenhuma. Regressou à tenda sentindo-se infelicíssima, mas o seu humor melhorou ao verificar que um enorme cesto de flores fora colocado mesmo por baixo do seu logótipo. Anotou mentalmente que teria de agradecer a Carl pelo carinho.

O calor era insuportável. Pegou num catálogo e começou a abanar-se. Faltavam menos de duas horas para a chegada dos convidados e os empregados andavam atarefados, trazendo aparelhos de ar-condicionado portáteis. Kate afastou-se para o fundo da tenda, a fim de não atrapalhar.

Ao erguer um pedaço da lona para respirar um pouco de ar fresco, observou um grupo de árvores rodeadas por um círculo de arbustos cerrados, a uns metros de distância. *Bingo*. Sabia exactamente o que fazer. Os arbustos dar-lhe-iam a privacidade necessária; demoraria uns escassos segundos para desapertar e tirar o sutiã. Olhou em todas as direcções para ter a certeza de que ninguém a observava e dirigiu-se para as árvores.

Um minuto depois completara a proeza.

– Finalmente! – exclamou com um suspiro de alívio. Agora, poderia voltar a respirar normalmente.

Foi o seu último pensamento antes da explosão.